

“IT’S A SIN”, A REPRESENTAÇÃO DO HIU E DA JUVENTUDE HOMOSSEXUAL: AS CARACTERÍSTICAS CULTURAIS E OS DISCURSOS POLÍTICO-SOCIAIS NA NARRATIVA SERIADA

Carla Montuori Fernandes¹

Luiz Ademir²

Raphael Castilho³

Resumo

Os seriados atualmente dominam boa parte do mercado do entretenimento e essa oferta se tornou ainda mais atrativa após a ascensão dos serviços de *streaming*. Dada a importância do formato na contemporaneidade, o artigo tem como objetivo analisar, por meio da perspectiva crítica e analítica da mídia (MORIN, 1997, KELLNER, 2011), a minissérie britânica *It’s a Sin*, que estreou em janeiro de 2021, e abarca o início da pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) durante os primeiros anos da década de 1980. Ainda, o artigo aborda o seriado na ótica dos conceitos de indústria cultural e cultura de massa.

Palavras-chave: *Produções audiovisuais; Streaming; Minissérie; Cultura; It’s a sin.*

INTRODUÇÃO

A minissérie britânica *It’s a Sin* estreou em janeiro de 2021 no Reino Unido pela emissora Channel 4. No Brasil, a produção de 5 capítulos foi distribuída pela HBO Max.

¹ Doutora em Ciências Sociais, com ênfase em Comunicação Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (PPGCom da UNIP). É pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP.

² Mestre em Comunicação Social (UFMG), Mestre e Doutor em Ciência Política (IUPERJ), docente do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF.

³ Graduando do curso de Jornalismo na Universidade Federal de São João Del-Rei.

Criada e escrita por Russell T. Davies, responsável por produções como *Queer as Folk* e *Doctor Who*, o seriado aborda o início da pandemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) durante os primeiros anos da década de 80. Dessa forma, o seriado acompanha um grupo de jovens gays que estão em Londres, na busca por seus sonhos, e tem as vidas assoladas por essa doença.

O vírus da imunodeficiência humana, conhecido popularmente como HIV, ataca as estruturas de defesa do organismo e deixa o corpo humano vulnerável a várias doenças. No começo dos anos 80, a ausência de informações criou falsos paradigmas que associavam a AIDS aos homossexuais. Informações e boatos sem comprovação científica circulavam em distintos ambientes de comunicação, sobretudo atrelando a doença a um castigo enviado por Deus para o público homossexual. Dessa forma, *It's a Sin* acompanha o início do que viria a ser uma pandemia global, em um contexto marcado pela homofobia e pela escassez de tratamentos eficazes contra este vírus.

Sontag (1989), em um ensaio sobre a AIDS e suas metáforas, ressalta a ideia punitivista que se criou ao redor da doença. Segunda a autora, a doença é o réu, mas o paciente também se torna um ser culpável no imaginário coletivo. É justamente essa culpa que acompanha o quinteto de protagonistas que encaram pela primeira vez os desafios e as liberdades da vida adulta enquanto acompanham, com receio, as primeiras notícias sobre a pandemia implacável do HIV. Em uma Inglaterra reacionária comandada por Margaret Thatcher, a diversidade sexual era relacionada com a libertinagem e com os surtos letais daquela nova doença.

It's a Sin mostra a realidade cruel que assolou a época e não poupa seus personagens do sofrimento. A carga do seriado se torna mais densa quando o núcleo principal tem os seus corpos infectados e sua realidade alterada pelo HIV. Entretanto, as cenas densas, repletas de melancolia e de espanto se amenizam com a presença de musicais dançantes e de esquetes sensuais que abordam o despertar sexual dos protagonistas.

A ficção seriada vem passando por grandes transformações a partir da mudança de modelos de consumo de mídia. Conforme aponta Meimaridis (2017), houve a hegemonia dos canais de *broadcasting*, com a TV aberta, em que o consumo se dava de forma homogênea. Isso vigorou até os anos 90, quando surgiram os canais de TV a cabo, videocassetes, controle remoto. Assim, o espectador passou a ter maior autonomia em suas escolhas sobre a programação – o modelo *narrowcasting*. Finalmente, nos anos 2000, com as mídias digitais, cresceram os canais de *streaming* e hoje o consumo é feito de forma

bem diferenciada. Plataformas buscam fidelizar o público e há uma grande diversidade de seriados à disposição do espectador. O Brasil é um dos países que mais consome produtos de entretenimento de canais de streaming (RAMOS, 2021).

Quanto aos seriados televisivos, Arlindo Machado (2000) — um dos principais estudiosos sobre o tema no Brasil — reitera que não foi a televisão que iniciou a narrativa seriada, mas foi ela que elevou o método a uma escala industrial. Para o autor, existem três tipos de narrativa seriada na televisão: aquela que se estende por capítulos (como as novelas), as que tem um desfecho num episódio, mas mantêm os personagens e por fim aquelas que têm uma temática recorrentes, mas com enredos diversos. *It's a Sin* encaixa-se no primeiro tipo, em que uma única narrativa se sucede linearmente ao longo dos capítulos.

A partir da contextualização, da importância do tema e da relevância que a série tem ganhado após o lançamento no Brasil⁴, este trabalho pretende analisar o seriado *It's a Sin* por meio de uma perspectiva crítica e analítica da mídia. As cinco partes que compõem a trama, seus personagens e seus recursos narrativos serão apontados e relacionados com as características da mídia e da cultura de massa nas visões de Morin (1997) e de Kellner (2001).

NARRATIVA SERIADA

A ficção seriada teve um boom com os canais de *streaming* no mundo inteiro e também no Brasil. Mas no caso brasileiro já faziam bastante sucesso com a teledramaturgia e mesmo os seriados produzidos pela Rede Globo desde os anos 70. Lotz (2007) explica que o primeiro modelo de consumo de seriado televisivo em massa se deu no *modelo broadcasting*, que tinha o objetivo de atrair o maior número de público, ou seja, audiência. Sem se preocupar com a qualidade da programação dos canais, a produção televisiva baseava-se na uniformidade e universalidade. Além disso, conforme aponta Melina Meimaridis (2017), o consumo era prático. “Do ponto de vista tecnológico, o consumo de televisão era extremamente simples nesse período, ocorrendo através, principalmente, de um televisor e em alguns casos aliado ao uso de uma antena” (MEIMARIDIS, 2017, p.33).

Houve a hegemonia do padrão *broadcasting* no Brasil quando a TV aberta atingia

⁴ A Agência AIDS, portal que divulga as principais informações e dados sobre a pandemia no Brasil e que conta com mais de 1.200 jornalistas e ativistas associados, descreveu *It's a Sin* como imperdível. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/its-a-sin-serie-sobre-a-aids-e-a-primeira-obra-imperdivel-deste-ano/>. Acesso em 15 nov. 2021.

altos índices de audiência no período dos anos 70 aos anos 90, em que há uma transferência de mensagem para todos os receptores simultaneamente. Isso pressupõe que todos estejam no mesmo local e no mesmo horário – no caso todos assistiam às telenovelas juntos. Era o hábito de consumir TV em família. Novelas, como *Roque Santeiro*, de Aguinaldo Silva, um dos maiores sucessos da teledramaturgia da Globo, teve 209 capítulos e foi exibida no horário nobre, às 20h30, em 1985, chegando a atingir 67 pontos de audiência. Nos anos 90, houve o investimento na segmentação com o incremento das TVs Pagas e com conteúdos em que o público poderia selecionar a partir de suas preferências – a emergência do padrão *narrowcasting*, como a TV a cabo. Os sinais criptografados somente podem ser vistos em uma TV, passando por um decodificador, tendo um público específico, que são assinantes dos canais.

Conforme explica Meimaridis (2017), o avanço tecnológico possibilitou a criação do *modelo narrowcasting* – com o sistema de transmissão televisiva a cabo, a criação do controle remoto e videocassetes. “A televisão foi profundamente modificada a partir dessas mudanças tecnológicas, pois possibilitaram novas formas de consumo e uma maior disponibilidade e variedade de conteúdo” (MEIMARIDIS, 2017, p. 34). Assim, houve também uma mudança na postura do espectador, que passou a ter maior controle sobre a programação, podendo ter mais autonomia e alterar a programação a partir de suas preferências.

Por fim, nos anos 2000, com a consolidação da web 2.0, a narrativa seriada também deu um salto, com o surgimento dos canais de streaming. Meimaridis (2017) aponta para a *Network Era* – que compreendem a ficção seriada produzida em termos macro (temporada) e em termos micro (episódio). Com isso, proliferaram os canais de *streaming*. Mesmo grupos que investiam em TV aberta, agora apostam neste novo segmento, como a Globo, que agora criou o canal Globo Play, com o investimento na produção de seriados. Segundo Ramos (2021), no Brasil, em termos de preferência de serviço, a *Netflix* segue sendo a principal referência do consumidor. Ao todo, 52,69% dos entrevistados disseram assinar o serviço — na prática, uma a cada duas pessoas. O *Prime Video* vem na segunda colocação com 16,87%, seguido de *Disney+* (12,09%), *Globoplay* (9,96%) e *Claro Video* (2,64%). Trata-se da emergência do modelo. Conforme explica Meimaridis (2017), há uma intensificação do processo industrial em termos de produção direcionada à ficção seriada. Desde 2015, no caso da televisão americana, são exibidas, em média, 400 séries ficcionais por ano.

A ESTRUTURA NARRATIVA DE “IT’S A SIN”

Machado (2000) definia a narrativa seriada como capítulos subdivididos por blocos separados por *breaks*. Por mais que no Brasil a série possa ser vista sem interrupções através do *streaming*, ela foi feita originalmente para um canal aberto britânico e, portanto, segue exatamente essa estrutura. Assim como descrito por Arlindo Machado, os capítulos começam com uma contextualização dos acontecimentos anteriores e os blocos (principalmente o último) terminam com um gancho narrativo que prolonga a discussão para as edições posteriores.

1. Dados gerais

It’s a Sin acompanha um quinteto de jovens britânicos que estão em Londres em busca dos seus sonhos. O principal deles é Ritchie Tozer, interpretado pelo cantor Olly Alexander, que deixa a pequena ilha onde mora com a família conservadora para estudar direito na capital, mas logo abandona a carreira jurídica para se dedicar ao teatro. Aproveitando de uma vida mais permissiva e progressista do que a que sempre viveu, Ritchie conhece outros jovens gays que, assim como ele, estão desfrutando da liberdade pela primeira vez. Ritchie decide morar junto com Roscoe Babatunde (Omari Douglas), Colin Morris-Jones (Callum Scott Howells) e Jill Baxter (Lydia West) e Ash Mukherjee (Nathaniel Curtis) e, dessa forma, começa a dividir com seus novos amigos as responsabilidades e os momentos de alegria.

Russell T. Davies baseou-se nas próprias experiências e na dos seus amigos para escrever o seriado. Segundo o roteirista, a minissérie prestou homenagem a toda uma geração que perdeu a vida pela doença quando ainda não havia tratamentos eficazes contra o vírus. *It’s a Sin* foi recusada pela BBC One e pela ITV, dois dos principais canais abertos do Reino Unido. Dessa forma, a produção foi oferecida para a Channel 4, que encomendou a gravação da trama que teve seu número reduzido de oito para cinco capítulos.

As filmagens começaram em 2019 e foram finalizadas antes do início da pandemia da Covid-19, em janeiro de 2020. Inicialmente agendada para 2020, a minissérie teve a sua estreia adiada para janeiro de 2021 na Irlanda e no Reino Unido. Durante o lançamento, a banda Years & Years – do ator Olly Alexander – também lançou nas plataformas musicais um cover de *It’s a Sin*, canção originalmente interpretada pelo grupo Pet Shop Boys. Esta foi uma forma de arrecadar fundos para a George House Trust, uma instituição que apoia

peessoas que vivem com o HIV em toda a Inglaterra. No Brasil o seriado chegou no dia 29 de junho de 2021, junto com a HBO Max.

O seriado conseguiu uma recepção positiva da crítica e do público. No Rotten Tomatoes, a série obteve uma aprovação de 98% e críticas que elogiavam o roteiro, o elenco e o design gráfico da produção. *It's a Sin* tornou-se um dos programas de televisão mais comentados durante sua exibição no Reino Unido e gerou um impacto que atravessou as fronteiras das pequenas telas. O programa foi creditado por aumentar a realização de testes de HIV em toda a Inglaterra⁵. Além disso, houve um consenso entre críticos de que o seriado ajudou a normalizar as cenas de sexo gay na televisão convencional⁶.

2. Construção dos personagens

A construção dos protagonistas e a relação entre os personagens é um dos pontos fortes de *It's a Sin*. Para Cruz (2015), a televisão é um dos meios de comunicação mais populares do mundo e pode ajudar a mudar a relação das pessoas com os conceitos que definem a homossexualidade. Para o autor, a mídia pode contribuir para a mudança de pensamento da sociedade, ajudando a desfazer preconceitos. Os personagens de *It's a Sin* são reproduções da comunidade homossexual mais humanizadas do que as feitas usualmente na grande mídia. Isso contribui na quebra dos estereótipos que assolam o grupo e que, na maioria das vezes, foram criados pela própria televisão em outras produções.

Para demonstrar essa característica, foi feita uma pequena análise do perfil dos cinco protagonistas da minissérie:

1) **Ritchie Tozer, interpretado por Olly Alexander**, é um jovem camponês que cresceu escondendo sua homossexualidade da família conservadora. Com o fim do ensino médio, ele vê a oportunidade de se mudar para Londres para estudar direito na universidade. Logo Ritchie abandona as aulas de legislação para se dedicar às artes cênicas. Na capital inglesa, o jovem conhece novos amigos e vive uma nova realidade marcada pela autonomia sexual e pela carreira de ator iniciante. Entre todos os protagonistas, Ritchie é o que possui um maior tempo de tela. Como ainda não está

⁵ Informação retirada de *4 News*, sucursal de notícias da *Channel 4*, emissora original do seriado. Disponível em: <https://www.channel4.com/news/hiv-testing-rises-as-its-a-sin-become-c4s-most-watched-drama>. Acesso em: 16 nov. 2021.

⁶ Opinião do crítico David Opie para o portal *Digital Spy*, em que é ressaltada a importância das cenas sensuais do seriado. Disponível em: <https://www.digitalspy.com/tv/a35262504/its-a-sin-gay-sex-scenes/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

inteiramente adaptado à nova realidade, tudo para o protagonista é uma descoberta que precisa ser explorada. Entretanto, ele ainda enfrenta o dilema de conciliar a nova vida, sem regras e restrições, com os princípios que adquiriu enquanto morava em uma pequena ilha no sul da Inglaterra.

2) **Jill Baxter, interpretada por Lydia West**, é inspirada em Jill Nader, amiga pessoal de Russell T. Davies que chegou a perder mais de dez amigos pela AIDS durante a década de 80.⁷ Assim como Ritchie, Jill tenta levar a vida como atriz em Londres e é a única mulher a morar na república formada pelos protagonistas. Jill é a primeira dos personagens a demonstrar preocupação com o avanço da pandemia do HIV e, ao longo do seriado, torna-se uma ativista que cobra do governo Thatcher medidas governamentais para a prevenção e o tratamento da doença. Uma das principais características da personagem é a empatia. Baxter presta apoio e cuidados aos amigos infectados e, assim como sua inspiração na vida real, sofre diversas perdas que a abalam para sempre.

3) **Roscoe Babatunde, interpretado por Omari Douglas**, é o personagem que mais sente na pele os preconceitos da Inglaterra racista e homofóbica de Margaret Thatcher. Negro e homossexual, Roscoe é exilado pela família nigeriana e fica desamparado pelas ruas de Londres até se reunir com os outros protagonistas. Ao contrário de Ritchie, que ainda está descobrindo as nuances e as alternativas da comunidade gay, Roscoe já viveu muitas experiências e está totalmente inserido na vida e nos costumes utilizados pela então comunidade GLS – hoje LGBTQIA+. Ousado e destemido, Roscoe faz xixi no chá da primeira-ministra britânica em uma cena que mistura humor e resistência política.

4) **Colin Morris-Jones, interpretado por Callum Scott Howells**, parece ter saído direto da década de 60 para as ruas oitentistas da capital inglesa. Mais discreto do que os outros protagonistas, Colin trabalha em uma alfaiataria e começa o seriado vivendo em uma pensão de família. Em determinado ponto da narrativa, o personagem vê de perto a morte misteriosa do seu mentor profissional, interpretado por Neil Patrick Harris. Colin é doce, tímido e parece viver em estado de constante inocência. Entretanto, mais tarde, descobrimos que o personagem esteve envolvido em uma relação abusiva que culmina em consequências tristes e devastadoras em sua narrativa.

⁷ Informação retirada do portal *Entertainment Daily*. Disponível em: <https://www.entertainmentdaily.co.uk/tv/its-a-sin-star-jill-baxter-is-inspired-by-real-life-jill-nalder-what-does-she-think-of-c4-drama/>. Acesso em: 16 nov. 2021.

5) **Ash Mukherjee, interpretado por Nathaniel Curtis**, é um descendente de indiano que mantém um relacionamento aberto com Ritchie. É ele quem apresenta a cidade e os demais personagens para o ator iniciante. Ash é uma pessoa calma que lida com os dilemas da adolescência com mais serenidade e confiança do que os seus amigos. A redução dos estereótipos na retratação do personagem é um ponto que diferencia Ash de personagens indianos retratados de forma xenofóbica em diversas produções, como na renomada comédia *The Big Bang Theory*, da CBS norte-americana.

A breve descrição feita dos personagens principais permite perceber a variedade de arquétipos abordados pela trama. Essa pluralidade permite uma ampla identificação do público-alvo atingido pela produção.

3. Descrição dos capítulos

Para contribuir com a análise da *It's a Sin*, proposta por este trabalho, segue uma breve descrição dos cinco capítulos que compõem a trama do seriado:

Capítulo 1: O ano é 1981 e é aqui que a vida dos cinco protagonistas colide em um apartamento na cidade de Londres. Ritchie Tozer abandona a casa dos pais no sul da Inglaterra e, na capital, inicia a carreira de ator com sua amiga Jill Baxter. Enquanto isso, Roscoe abandona a casa da própria família após descobrir que o pai pretende exilá-lo na Nigéria. Colin começa um novo emprego como aprendiz de alfaiate e cria fortes relações com o seu mentor Henry Coltrane, que adoece e morre com uma doença misteriosa.

Capítulo 2: O ano é 1983 e, embora ainda existam poucas informações, o número de infectados pela AIDS cresce na Inglaterra. Ritchie acredita que a doença é apenas uma mentira espalhada pelo governo para diminuir o número de festas gays da capital inglesa. Um conhecido dos protagonistas é infectado, adoece e morre. Colin viaja para Nova York onde, a pedido de Jill, compra revistas e jornais com informações sobre o HIV. Jill torna-se uma ativista contra a doença e tenta alertar os amigos dos riscos do sexo sem proteção.

Capítulo 3: O ano é 1986 e a pandemia atinge o seu ápice em vários países do mundo. Colin se junta a Jill no ativismo contra a doença. Colin é diagnosticado com AIDS e é preso em um hospital sob a Lei de Saúde Pública de 1984, instaurada pela primeira-ministra Margaret Thatcher. A mãe do personagem vai até Londres para acompanhar o tratamento do filho. Roscoe começa um relacionamento com um parlamentar conservador e enrustido. Começa uma batalha judicial que transfere Colin do hospital prisão para uma

unidade especial para pacientes com AIDS. A condição de saúde de Colin é cada vez pior e ele acaba morrendo. Todos são abalados pela perda e motivados a fazer o teste de HIV.

Capítulo 4: O ano é 1988 e Ritchie é diagnosticado com AIDS. Ele volta para a casa dos pais, onde encara os dilemas de viver novamente com a família conservadora. O grupo de ativistas inicia uma revolta generalizada contra as empresas farmacêuticas que estão lucrando com a doença. Em um evento como garçom, Roscoe faz xixi no chá da primeira-ministra Margaret Thatcher. Ritchie decide encarar a doença e volta para a casa dos amigos em Londres.

Capítulo 5: O ano é 1991 e Ritchie se encontra cada vez mais debilitado. Seus pais, conservadores e incomodados com a situação, o levam de volta para casa. Jill e Roscoe o seguem, mas não chegam a tempo de dizer adeus. Ritchie morre e sua família decide confrontar Jill que volta desolada para a capital inglesa. Em Londres, ela decide continuar a vida prestando auxílio para homens infectados com a doença. Roscoe decide perdoar os pais. O final da série mostra um *flashback* do quinteto de protagonistas aproveitando a vida no início da década de 80, antes do início da pandemia.

4. Enredo

Russell T. Davies (2005), em *Doctor Who*, escreveu sobre um alienígena humanoide enfrentando vilões e viajando pelo espaço e pelo tempo. Em *Years and Years* (2019), um de seus sucessos recentes, ele abordou uma sociedade distópica marcada pela ascensão da extrema-direita e pelo avanço frenético da tecnologia. Entretanto, nenhuma dessas narrativas soam tão cruéis quanto a realidade pandêmica e implacável revisitada em *It's a Sin*.

Embora seja ficcional, o enredo de *It's A Sin* traz inúmeros elementos da realidade. A história dos protagonistas se assemelha a de muitos homens que tiveram suas vidas ceifadas pela AIDS em uma época em que ainda não existiam tratamentos eficazes para conter o avanço da doença. Personalidades e situações que realmente existiram foram inseridas pontualmente durante toda a narrativa.

Ao longo dos capítulos, é improvável que o espectador não tenha empatia pelo sofrimento dos personagens. Os protagonistas evoluem a cada desafio e se tornam mais complexos dentro do ambiente hostil em que estão inseridos. Se no começo da história os personagens ainda carregam traços e modelos da adolescência, o enredo se desenvolve de

uma forma em que o amadurecimento – mesmo que forçado – é perceptível até mesmo na mais simples das análises narrativas.

Sousa (2016) separa as narrativas sobre a AIDS em "epidemias discursivas" e "narrativas pós-coquetel". Para o autor, a descoberta dos antirretrovirais em 1996 deu uma nova configuração aos discursos sobre o HIV nas obras de ficção. A doença deixou de ser sinônimo de morte e passou por um processo de cronificação. *It's a Sin*, embora produzida em 2020, se passa entre 1981 e 1991, cinco anos antes dos avanços significativos da medicina e da ciência. Dessa forma, o enredo do seriado focaliza nos estigmas que associam a AIDS à impossibilidade de levar uma vida possível e funcional.

Em suma, *It's a Sin* pode ser definida como uma série sobre as catástrofes ocasionadas pelo HIV durante a década de 80, quando ainda não existia informações, medicamentos e estrutura para combater a doença. Entretanto, também pode ser considerada o uma narrativa *coming of age*⁸, que nos estudos sobre gêneros ficcionais, são histórias que enfatizam o crescimento e os dilemas de protagonistas que estão vivendo a transição da adolescência para a vida adulta.

5. Ambientação

Entende-se por ambientação a reprodução das características do lugar, da atmosfera e do tempo em que se realiza uma ação. *It's a Sin* é mais uma das inúmeras séries que foram lançadas recentemente e que se passam durante a década de 80. Para Figueiredo (2018), vivemos, atualmente, uma fixação com os anos 1980 na cultura pop e na produção de filmes, seriados e clipes musicais. A autora então cita Kathleen Loock (2016) e a perspectiva de que as produções que remetem a essa década evocam uma estética ligada à nostalgia e ao sentimentalismo.

Assim como *Stranger Things* (2016) e *Glow* (2017), outras produções que são ambientadas durante os anos 80, *It's a Sin* resgata elementos do passado para ampliar o leque de detalhes apresentados durante a sua narrativa. As músicas, os filmes, as roupas, os penteados e os costumes da época são trazidos para tela em um recurso que contribui para a sensação de veracidade da história que está sendo contada.

Vale ressaltar que, mesmo ambientada há mais de 30 anos, a minissérie traz temas e discussões relevantes para a atualidade. Questões como a homofobia, a poligamia e a

⁸ A tradução do termo para o português pode ser definida como "amadurecimento".

prevenção sexual são abordadas em toda a narrativa. Temas históricos também são relembrados, como toda a opressão vivida pelos homossexuais durante o *thatcherismo*⁹. Esse resgate é importante no processo de valorização da memória das pessoas reais que tiveram a vida atingida por políticas higienistas da "dama de ferro", como a Lei de Saúde Pública de 1984.

Quanto aos locais exibidos no seriado, Londres é o palco da maior parte das ações e das narrativas apresentadas. Partes do 2º capítulo se passam em Nova York, quando Colin viaja até os Estados Unidos à serviço da alfaiataria. Além disso, parte da narrativa de Ritchie se passa na Ilha de Wight, localizada em Southampton, na costa sul da Inglaterra. É nítida a diferença de ambientação entre a capital inglesa e a ilha sulista. Enquanto Londres passa ao público a sensação de diversidade e abrangência, a pequena ilha é pacata e familiar.

6. Temporalidade

O roteiro de *It's a Sin* é linear e retrata o drama dos protagonistas em um período de 10 anos. *Flashbacks* são utilizados poucas vezes, em momentos em que se faz necessário o resgate de acontecimentos que fogem da linha do tempo proposta pela narrativa. Neste contexto, retrata os anos da década de 1980 – e o início da década de 1990 – em que a história é ambientada, de forma que é possível perceber o desenvolvimento contínuo da trama exibida na minissérie. Trata-se de uma linearidade na narrativa dos acontecimentos: Capítulo 1 (setembro de 1981), Capítulo 2 (dezembro de 1983), Capítulo 3 (março de 1986), Capítulo 4 (março de 1988) e Capítulo 5 (novembro de 1991).

“IT’S A SIN” SOB A ÓTICA DA CULTURA DA MÍDIA

Morin (1997) define a cultura de massa como os produtos da mídia que agregam grande número de elementos culturais de origens distintas. Para o autor, as características da cultura erudita, popular, humanista e religiosa se misturam em um novo formato que tem como objetivo principal atingir um público mais abrangente e numeroso do que as tradições originais. É válido ressaltar, porém, que neste processo, os elementos perdem parte de sua essência e originalidade.

⁹ Conjunto de ideologias conservadoras de Margaret Thatcher que estiveram em voga na Inglaterra durante o seu mandato como primeira-ministra entre 1979 e 1990.

It's a Sin, um produto feito no contexto capitalista, possui algumas das características que Morin definiu como próprias da cultura de massa. Dessa forma, o trabalho irá agora enumerar quais desses recursos podem ser identificados com clareza no seriado que aborda a AIDS e suas complicações durante a década de 80.

O conceito de indústria cultural foi formulado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, em 1947. Os filósofos da Escola de Frankfurt definiram este conceito como as novas formas de produção artística e cultural utilizando as fórmulas de produção oriundas do sistema capitalista. Neste contexto, as técnicas de produção em massa presentes na manufatura desde a Revolução Industrial chegaram também no mundo artístico. Para os autores, desenvolver a arte através de produções sistematizadas são formas de gerar lucro para os conglomerados produtores e movimentar, portanto, as dinâmicas econômicas do sistema vigente.

Morin (1997) reitera a teoria dos frankfurtianos, mas ressalta que os produtos da indústria cultural ainda carregam resquícios do fazer artístico que vão da inovação até a perspectiva crítica e criativa de produção. O autor reitera essa percepção ao dizer que um produto artístico geralmente é concebido em função de receitas-padrão, mas que — na contramão dessa estrutura — também devem se revestem de recursos que lhe dão personalidade própria para serem bem recebido pela população consumidora.

It's a Sin, assim como a maioria dos seriados de televisão, sincretiza objetivos artísticos e comerciais. Embora tenha sido exibido originalmente por um emissora de domínio estatal, a produção é mais uma das engrenagens da máquina formada pelo capitalismo do entretenimento. Em vários países do mundo, a minissérie foi distribuída pela WarnerMedia através da HBO Max, serviço de streaming da produtora que conta com aproximadamente 70 milhões de usuários e movimenta, junto com o canal a cabo, mais de 2 bilhões de dólares por ano¹⁰.

O impacto positivo gerado pela série na visão do público e da crítica estão relacionados a qualidade técnica e artística da produção que costumam ser mais elaboradas em contextos com maior investimento. Na indústria do entretenimento, muitas vezes, a aplicação de recursos é proporcional ao retorno financeiro e ao engajamento recebido dos espectadores e dos anunciantes.

¹⁰ Informação retirada do portal *Businesswire*. Disponível em: <https://www.businesswire.com/news/home/20170208005510/en/Time-Warner-Reports-Fourth-Quarter-Full-Year-2016-Results>. Acesso em: 17 nov. 2021.

Para Morin (1997), a racionalização começa na fabricação, se segue nos planejamentos de produção e de distribuição, e termina nos estudos do mercado cultural. *It's a Sin*, embora levante temas importantes que precisam ser debatidos e analisados na sociedade contemporânea e possua uma estrutura narrativa organizada e bem elaborada, também apela para estruturas prontas, enlatadas e características da indústria cultural capitalista.

Outra característica presente no seriado é o “Grande Público”, ou seja, a busca de atingir diferentes segmentos sociais a fim de gerar uma mensagem de comoção sobre a temática da AIDS. Para Morin (1997), o público é constituído por pessoas com gostos e personalidades distintas que, portanto, exigem produtos individualizados. Entretanto, o autor também afirma que a cultura de massa é capaz de romper barreiras demográficas para encontrar um denominador comum que pode ser denominado como “homem médio”. Dessa forma, os seriados do mundo contemporâneo abarcam mercados cada vez mais diversificados ao redor de todo o planeta.

Embora a série analisada seja ambientada na Inglaterra, a AIDS é um assunto universal que foi, e ainda é vivenciado nos mais variados territórios. No Brasil, o primeiro caso foi detectado em 1983 no estado de São Paulo. Para Neto (1989), as mortes do ator Lauro Corona e do cantor e compositor Cazuza aumentaram a divulgação da enfermidade no país devido aos discursos recorrentes nos veículos de comunicação de massa. Da mesma forma, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais afirmou, em 2008, que a população homossexual brasileira se aproximava da faixa de 20 milhões de pessoas¹¹. Dessa forma, o discurso e os personagens representados em *It's a Sin* dialogam perfeitamente com os públicos, as realidades e as vivências brasileiras.

A tensão entre o comercial e o artístico também se faz presente no seriado. *It's a Sin* traça, ao longo de sua narrativa, diversas críticas e protestos contra as políticas públicas de Thatcher e a forma como foi conduzida a pandemia na Inglaterra durante a década de 80. Ainda segundo o autor, o crescimento e a repetição dos processos culturais abrem espaço para o desenvolvimento das produções artísticas. Por exemplo, a qualidade dos *westerns* provém também de sua quantidade, isto é, de uma longa tradição de produção em

¹¹ Informação retirada do portal *Jusbrasil*. Disponível em: <https://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/145829/estimativa-aponta-que-numero-de-brasileiros-homossexuais-ja-chega-a-17-9-milhoes>. Acesso em: 17 nov. 2021.

série (MORIN, 1997).

Russell T. Davies roteirizou mais de 20 seriados televisivos antes de *It's a Sin*. O diretor Peter Hoar também tem trabalhos conhecidos em produções de sucesso, como em *Demolidor* (2016) e *The Umbrella Academy* (2019). Além disso, os atores e as atrizes do seriado já estrelaram diversos filmes e programas de televisão ao longo da carreira. Para Morin, é justamente essa repetição, efeito do capitalismo de produção, que contribui para a evolução técnica e constante dos objetos de entretenimento.

Morin (1997) também discute a mistura entre realidade e ficção na cultura de massa. Existe, na modernidade, uma tendência de romantizar os espaços informativos e de inserir doses de realidade nas peças de ficção. Por isso, é cada vez mais comum a produção de filmes, livros e séries de televisão que são baseadas em eventos totais ou parcialmente reais. Nessa mesma linha, Lopes (2009) aponta que são recorrentes na teledramaturgia a identificação entre personagens da ficção e figuras públicas verdadeiras entre as tramas e os problemas reais, e a tendência para uma maior verossimilhança nas histórias contadas, esta, aliás, uma demanda forte do próprio público.

Para a autora, o poder da teledramaturgia está no aprimoramento e no estreitamento entre ficção e realidade, associados à evolução pedagógica de programas que privilegiam conteúdos com registros didáticos, fazendo com que a programação adquira maior verossimilhança, credibilidade e legitimidade e promova uma “leitura documentarizante, capaz de tratar todo filme como documento” (LOPES, 2009, p. 37).

Soares (2007) acrescenta que a representação de sentido por meio da linguagem é produzida de forma intensa pelos meios de comunicação, uma vez que os produtos culturais produzidos pela mídia produzem imagens colhidas do mundo empírico para apresentá-las “na categoria de ‘representantes’ de pessoas, situações e fatos” (2007, p. 51).

No caso de *It's a Sin*, personalidades e eventos da realidade estão presentes no roteiro e na ambientação narrativa e estética dos cinco capítulos produzidos. Como já citado, toda a pandemia da AIDS que serve como plano de fundo para o desenvolvimento da série e dos personagens desencadeou, segundo Souto (2004) inúmeras ações culturais, antropológicas, sociais e científicas que transformam a sociedade por meio valores, comportamentos, estruturas demográficas e políticas de convivência. O seriado, portanto, insere em sua narrativa elementos próprios e até mesmo indesejados da realidade, traçando, dessa forma, uma comunicação direta entre o concreto e o ficcional.

Mesmo tendo como foco sensibilizar o público sobre a AIDS e de que forma as

peças que contraíram a doença foram estigmatizadas e ainda são, o seriado, por ser um produto inserido na cultura de massa, não deixa de recorrer a imagens sensuais para aguçar o apelo erótico, o que impulsiona o consumo e as engrenagens do sistema capitalista (MORIN, 1997). Dessa forma, um dos artifícios da comunicação de massa é a exploração da sexualidade como estratégia de atração e fidelização do público desejado. Ao “domesticar o Eros”¹², as produções artísticas normatizam os comportamentos sexuais e prestam um serviço de validação para os desejos e os anseios voluptuosos da sociedade.

Todos os episódios de *It's a Sin* flertam com a estética da sedução e as cenas de sexo são frequentes e coloquiais ao decorrer de toda a narrativa. No Brasil, a classificação indicativa do seriado é para maiores de 16 anos. Para a revista britânica *Gay Times*¹³, o jornalista Sam Damshenas abordou o ineditismo das cenas de sexo gay da minissérie dentro do contexto televisivo da Inglaterra. O autor afirma que enquanto outras produções têm receios e dificuldades para mostrar uma cena sensual entre dois homens, a produção da Channel 4 construiu um método inovador de dirigir essas sequências ao contratar uma empresa especializada (a Intimacy On Set) que coordena as cenas de nudez e conteúdo sensual, garantindo o conforto e a performance cênica dos atores envolvidos.

A dinâmica da sexualização das tramas LGBTQIA+ aconteceu para Mikos & Sierra (2018) quando as produções abandonaram as representações positivas e moralistas do grupo, após a década de 90, e passaram a exaltar a agência, os desejos e os prazeres dos personagens dessa comunidade. Para os autores, a indústria subverteu conceitos, ressignificou estereótipos e insistiu em práticas que, até então, eram tidas como “indecentes” para parte do mercado consumidor.

No entanto, o amor é peça fundamental na cultura de massa e pilar para felicidade moderna, mesmo que no enredo pesado e de sofrimento. É preciso deixar uma mensagem de esperança para o público. A indústria cultural promove a existência do “amor perfeito” e alimenta, em suas narrativas, o imaginário dos seus espectadores. Em sua narrativa, *It's a Sin* quebra as estruturas do amor tradicional e monogâmico e ressignifica essas necessidades a abordagens mais modernas e passageiras. Essa nova perspectiva é intrínseca ao erotismo citado no tópico acima e é presente na maior parte das séries contemporâneas

¹² Na mitologia grega, Eros é o deus do amor e do erotismo. Na psicanálise, Eros pode ser definido com a “pulsão de vida” do ser humano.

¹³ O artigo se intitula *Here's how the sex scenes in It's A Sin were a first for British television* e está disponível em: <https://www.gaytimes.co.uk/culture/heres-how-the-sex-scenes-in-its-a-sin-were-a-first-for-british-television/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

produzidas para este público-alvo, do começo da idade adulta, nos Estados Unidos, na Inglaterra e até mesmo no Brasil.

Outro dilema vivido no seriado refere-se à questão da juventude e como a AIDS vem para ceifar a vida de pessoas tão novas. Morin (1997) afirma que as sociedades modernas sofrem de um processo de desvalorização universal da velhice. Nos produtos de comunicação de massa, assim como na civilização como um todo, existe um enaltecimento ao redor da juventude, que se realiza através do amor, do bem-estar e da vida privada. No objeto de análise deste trabalho, os personagens transitam entre os 20 e os 30 anos de idade. Nesta fase da vida, o indivíduo já não é mais preso pelas amarras da adolescência, mas, tampouco, atingiu a fase intermediária da vida adulta. Na juventude, os conceitos de erotismo e de amor são instaurados com maior naturalidade dentro do contexto da cultura de massa.

Em *It's a Sin*, os personagens mais velhos são majoritariamente representados pelos pais e pelos demais membros da família dos protagonistas. A impressão estabelecida pelo roteiro é que essas pessoas não acompanharam a revolução comportamental que é vivenciada diariamente pelos personagens principais. Na série, os jovens são progressistas e a velhice é conservadora. Este estereótipo não é exclusivo do seriado, mas, na verdade, quase um padrão dentro das histórias ficcionais que separam os núcleos narrativos entre juventude e senilidade.

Douglas Kellner (2011), por sua vez, trabalha com o conceito da cultura das mídias e suas ambiguidades. O autor ressalta que o cientista social deve identificar quais os discursos e as ideologias que a indústria cultural tenta esconder em seus produtos. Esses discursos, para Kellner, influenciam a vida cotidiana da humanidade, uma vez que eles modelam as opiniões políticas e comportamentais e fornecem o material com o qual as pessoas forjam as suas identidades.

Kellner (2011) afirma que a mídia modela o pertencimento de mundo dos espectadores e afetam as suas noções sobre classe, etnia, raça e sexualidade. Dessa forma, uma série televisiva, como a analisada neste artigo, oferece uma gama de repertórios discursivos que influenciam as vivências e as perspectivas do seu público-alvo. Nesse sentido, o autor afirma que ao analisar produções de massa, é possível encontrar a reprodução de lutas e discursos que estão presentes de forma politizada em vários países do planeta.

Em *It's a Sin*, por exemplo, é traçada uma narrativa universal que abre discussões

sobre os impactos do HIV no corpo humano, sobre a negligência governamental quanto às políticas públicas contra a AIDS e, por último, sobre a importância da proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis. No sentido da apropriação da pandemia da AIDS para as telas, Kellner (2011) afirma que as angústias vividas por um povo em um determinado contexto podem ser captadas pela indústria cultural para servir como uma espécie de compensação em nível simbólico.

Outras séries de televisão abordam a doença em sua narrativa, como é o caso de *Pose* – série de Ryan Murphy exibida entre 2018 e 2021 –, que conta história de jovens que vivenciam a cultura e as festividades LGBTQIA+ em Nova York durante a década de 80. Assim como em *It's a Sin* e em outras produções que traçam discursos sobre o HIV e sua representatividade, a série carrega exposições potentes sobre a resistência física e social dos personagens infectados.

Além disso, a presença massiva de personagens homossexuais na série é outra vertente discursiva caso seja realizada a análise política descrita por Kellner em seus relatos. Os protagonistas gays de *It's a Sin* abrem para os jovens espectadores um leque de identificações possíveis relacionadas às vivências e aos dilemas que são enfrentados diariamente pelos membros dessa comunidade, como a homofobia e a descoberta da sexualidade.

Citando Edilson Brazil de Sousa Junior, Cruz (2015) afirma que o número de produções televisuais com a temática LGBT também segue uma tendência mercadológica que enxerga como positiva a visibilidade dos homossexuais perante a opinião pública. Entretanto, é válido ressaltar que essa realidade ainda não é tão detectável no Brasil quanto nos países de língua inglesa.

Entretanto, como é típico na indústria cultural, o discurso político por vezes é esvaziado por clichês exacerbados e por situações que não são próprias da realidade. Na vida real, jovens de classe média-baixa dificilmente conseguiriam alugar um apartamento na cidade de Londres. Essas conveniências narrativas possibilitam o desenrolar da história de *It's a Sin* e dificilmente aconteceriam com a mesma naturalidade e rapidez fora dos domínios da ficção.

Em várias produções ficcionais, a presença do chamado *happy end* compromete ainda mais a veracidade política da narrativa, uma vez que a realidade apresenta desfechos muito mais frustrantes. Entretanto, como a série *It's a Sin* reproduz uma situação de calamidade pública com destino definido, a ausência do final feliz e da realização pessoal

dos personagens é ressignificada em um tom que procura atingir o sentimento de perda e o desconsolo dos telespectadores. Nas produções audiovisuais da ficção, a comoção abrupta e pungente é a substituta mais eficaz para histórias que não seguem o protocolo do “felizes para sempre”.

Em linhas gerais, Kellner (2011) prega a necessidade de discernir as mensagens presentes nos produtos veiculados pela mídia em uma tentativa de aumentar a participação política e acelerar as transformações sociais da modernidade. Observar com perspectiva crítica e ponderada a indústria cultural é a melhor forma de aceitar ou de resistir aos seus enunciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esmiuçando os detalhes da narrativa proposta pela minissérie, a discussão sobre a representação do HIV e suas consequências se tornou intrínseca à análise do seriado e pode ser relacionada com as teorias que abordavam as características dos produtos culturais de massas e do discurso político e ideológico presente nas produções veiculadas pela mídia. Ambientada no período “pré-coquetel”, *It's a Sin* engloba discursos históricos e sociais ao descrever a realidade negligente da Inglaterra pandêmica marcada pela ausência de políticas públicas e pelas aspirações capitalistas da indústria farmacêutica.

Da mesma forma, *It's a Sin* também é caracterizada como uma série LGBTQIA+, sendo mais uma produção deste gênero que está em ascensão na indústria televisiva. A vivência característica dos personagens homossexuais, que passa pelo amadurecimento sexual e pelo combate a homofobia, gera conteúdo palpável e identificável aos jovens espectadores que consomem essa história. Mikos & Sierra (2018) relata que a indústria do entretenimento foi bem-sucedida em subverter conceitos e ressignificar estereótipos sobre a homossexualidade. Isso possibilitou uma abordagem mais digna e mais realista sobre os grupos LGBTQIA+ no cinema e na televisão.

Com a enumeração de Morin (1997) das características que podem ser identificadas nos produtos da cultura de massa, foi possível encontrar vários elementos que dialogam com as características técnicas e narrativas do seriado analisado. A inserção da minissérie na indústria cultural, a busca pela audiência universal, a repetição característica dessas produções e a mistura entre o real e o ficcional são elementos facilmente identificáveis em grande parte das produções televisivas do mundo contemporâneo. Além disso, foi possível

estabelecer um diálogo dos de *It's a Sin* com os conceitos de erotismo, amor e juventude que, segundo o autor, também são elementos próprios do fazer artístico da atualidade.

Por fim, utilizando a perspectiva de Kellner de que se deve observar os produtos culturais com uma perspectiva que identifique os discursos políticos e sociais intrínsecos a sua mensagem, foi possível encontrar recursos narrativos que apresentavam significações importantes para a sociedade e como essa intenção pode ser esvaziada por clichês exacerbados que separam a realidade da ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Daniel Silveira. **Homoafetividade na TV: análise das séries Queer as Folk, The L World e Looking**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989.

FIGUEIREDO, Camila Augusta Pires. A nostalgia dos anos 1980 nas produções da Netflix. **III Jornada Internacional GEMiniS**, São Carlos: Anais da III Jornada Internacional GEMiniS, p. 01-07, 2018.

IT'S a Sin. Petter Hoar, Russel T. Davies e Nicola Shindler. Reino Unido: Channel 4, 2021.

KELLNER, Douglas. **A cultura das mídias**. São Carlos: Edusc, 2001.

LOTZ, A. D. **The television will be revolutionized**. Nova Iorque, NYU Press, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, USP, v. 3, p. 21-48, 2009.

MACHADO, Arlindo. "A narrativa seriada". In: **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000, p. 99-110.

MEIMARIDIS, Melina. **Dissecando a estrutura narrativa dos seriados médicos americanos**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MIKLOS, Camila Macedo Ferreira. SIERRA, Jamil Cabral. Resistências LGBT no cinema contemporâneo: resistências e capturas. **Rev. C. das Artes**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 90-105, 2018.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

RAMOS, Eduardo. Brasil é o 2º país que mais consome streaming no mundo. **Canaltech**, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/entretenimento/brasil-e-2o-pais-que-mais-consume-streaming-no-mundo-192718/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SILVA, Raphael Castilho Bueno. It's a Sin: série britânica impacta ao falar da AIDS nos anos 80. **Escutai**, 15 fev. 2021. <https://escutai.com/its-a-sin-serie-britanica-impacta-ao-falar-da-aids-nos-anos-80%5d>. Acesso em 15 nov. 2021.

SOARES, Murilo César. Representações da cultura mediática: para a crítica de um conceito primordial. Trabalho apresentado ao GT Cultura das Mídias. **XVI Compós**, UTP, Curitiba, 2007.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUSA, Alexandre Nunes. Da epidemia discursiva à era pós-coquetel: notas sobre a memória da AIDS no cinema e na literatura. **II Seminário da Memória Social**, Rio de Janeiro: Anais do II Seminário da Memória Social, p. 01-10, 2016.

SOUTO, Bernardino Geraldo Alves. As duas primeiras décadas da AIDS: cenários e

interações com a epidemiologia. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, p. 251-256, 2004.